

CATALOGAÇÃO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: UMA METODOLOGIA DE TRABALHO

Hugo Leonardo Abud¹

¹Bibliotecário coordenador, Gibiteca Henfil, Centro Cultural São Paulo, São Paulo.

Resumo

A cidade de São Paulo possui um Sistema Municipal de Bibliotecas (SMB) que coordena a normalização do processo de catalogação do acervo de toda a rede de bibliotecas. Foi desenvolvida uma metodologia de catalogação especial para as Histórias em Quadrinhos. Essa metodologia, ou “Manual de Catalogação de Histórias em Quadrinhos”, baseia-se em uma anteriormente utilizada pela Gibiteca Henfil e está em constante processo de adaptação devido à variedade do mercado editorial nacional e internacional. Adota as mesmas ferramentas empregadas em outras bibliotecas brasileiras, tais como o AACR2, Tabela Cutter-Sanborn Three Figure, Library of Congress Subject Headings (LCSH), formato MARC 21, Classificação Decimal de Dewey (CDD 21.ed.) e as tabelas complementares de classificação adaptadas pela DDCTI/SMB (Divisão de Desenvolvimento de Coleção e Tratamento da Informação) para os gêneros ficcionais de Histórias em Quadrinhos.

Palavras-Chave:

Histórias em Quadrinhos; Normas de catalogação; Bibliotecas Públicas.

Abstract

The city of Sao Paulo has a Municipal Library System which coordinates the adjustment of the heap cataloguing process of the entire libraries's network. A special cataloguing system was developed for the Comic Books (Manual of Comic Books Cataloguing). This system was based on one previously used by Gibiteca Henfil and is in constant process of adapting due to the variety of the national, and international, publishing market. It adopts the same tools used in other Brazilian libraries such as AACR2, Table Cutter-Sanborn Three Figure, Library of Congress Subject Headings (LCSH), MARC 21 format, Dewey Decimal Classification (DDC 21.ed.) and the supplementary classification tables adapted by DDCTI / SMB (Division of Collection Development and Information Processing) for the fictional genres of comics.

Keywords:

Comics, Cataloging standards, Public Libraries.

1 Bibliotecas Públicas e o Sistema Municipal de Bibliotecas

Atualmente o conceito de biblioteca pública vem passando por transformações significativas, tornando-se fundamental o seu papel na sociedade. Elas possuem um papel agregador e de interação cultural no espaço urbano, hoje as bibliotecas não são mais vistas como grandes depósitos (coleções) de livros, mas sim como organismos ativos em seu papel cultural na sociedade. A biblioteca pública, em sua própria designação, implica em uma entidade que por sua natureza deve prestar serviços ao cidadão. Deve ser responsável pela formação de leitores críticos baseando-se na igualdade de acesso a informação. Oferecendo

deste modo todos os gêneros de obras que sejam do interesse de seus consulentes. Um lugar agradável, permitindo a convivência entre as pessoas, aonde elas possam se encontrar, ler, pesquisar, conversar, participar dos eventos promovidos e organizados pela biblioteca.

O professor Waldomiro Vergueiro (1989) nos alertava das transformações pelas quais as Bibliotecas estavam passando, e diferentemente das universitárias, escolares ou especializadas, as bibliotecas públicas possuem uma clientela muito mais dinâmica e diversificada quanto a interesses e gostos:

As necessidades informacionais da comunidade servida pela biblioteca pública variam quase que na mesma proporção em que variam os grupos, organizados ou não, presentes na mesma. O trabalho de análise da comunidade parece ser, assim, aquele que maior ênfase deve receber por parte do bibliotecário, não se descartando, porém, exatamente em virtude das flutuações detectadas pelos estudos de comunidade [...] (VERGUEIRO, 1989).

Para Teixeira Coelho (2004) o conceito de biblioteca é mais próximo de um Centro Cultural, um espaço em que não se privilegia mais o livro como objeto de uma coleção, mas dele faz apenas um instrumento de cultura, ao lado de outros materiais, como disco, do CD-ROM, do vídeo, da obra de arte e etc. O conceito de que a biblioteca moderna é um lugar de preservação das coleções já não se faz mais presente; a vida pós-moderna privilegia o lugar da informação, da discussão e da criação.

A biblioteca não deve apenas se limitar às suas funções clássicas de reunir, organizar, conservar e disponibilizar o material bibliográfico, mas sim inserir-se no eixo cultural da cidade, comunicando e difundindo o conhecimento e a cultura, estabelecendo vínculos sociais com a comunidade, promovendo serviços para que todas as pessoas possam se apropriar do conhecimento registrado e do seu espaço. Estes serviços visam permitir a construção da cidadania, comprometidos com a transformação social na concepção de um Centro Cultural e de uma biblioteca inserida neste espaço. Têm-se as mais diversas atividades de interesse da sociedade, algumas como teatro, música, dança, palestras, seminários, cursos, oficinas, grupo de discussão, roda de leitura, saraus literários, contações de histórias e etc.

A biblioteca não pode se isolar em si mesma, cabe a ela utilizar os mais variados recursos de infraestrutura e de tecnologia, incluir-se em projetos culturais, interagir com outras instituições nacionais e internacionais, potencializando seus recursos através de consórcios, redes e parcerias, inclusive instituições privadas, cooperativas etc. Para tanto é fundamental que os bibliotecários que nela atuam sejam envolvidos nesta nova forma de enxergar as grandes bibliotecas.

A partir destes pressupostos de biblioteca pública foi criado pela Prefeitura do Município de São Paulo (PMSP) através de sua Secretaria Municipal de Cultura (SMC) o Sistema Municipal de Bibliotecas (SMB), instituído através do Decreto 46.434 de 6 de outubro de 2005¹ que tem, dentre suas atribuições, a de integrar todas as bibliotecas públicas que são administradas pela Prefeitura do Município de São Paulo. Atualmente são 107 bibliotecas, destas, 45 são bibliotecas híbridas (pública/escolar) que estão nos Centros Educacionais Unificados (CEUs), 54 são bibliotecas públicas (BPs) localizadas nos mais diferentes bairros, as centrais infantojuvenil Monteiro Lobato e Mário de Andrade, as 5 bibliotecas do Centro Cultural São Paulo e Centro Cultural da Juventude e uma biblioteca do Arquivo Histórico Municipal. Estas bibliotecas juntas recebem mais de 4 milhões de consultas por ano².

¹ Publicado no Diário Oficial do Município (DOM), n.191, ano 50 em 07/10/2005 p.1-3.

² Dados retirados do portal da prefeitura: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/smb/index.php?p=1197>. Acessado em: 10 de jul. 2012.

A Coordenadoria deste Sistema Municipal de Bibliotecas (CSMB) possui uma divisão responsável pelo desenvolvimento de coleções e tratamento da informação (DDCTI) que compreende a normalização da catalogação de toda esta rede de bibliotecas. Para tanto esta normalização abrange a representação de todos os títulos e exemplares de livros que estão inseridos no catálogo eletrônico, bem como diferentes tipos de materiais tais como: partituras, CDs, materiais impressos, gravações sonoras e tridimensionais, em diferentes suportes e formatos.

As publicações de Histórias em Quadrinhos (HQs) catalogadas pela SMB, até o momento, são publicações, em sua maioria, com histórias fechadas, o que se chama de monográficas ou álbuns de HQs – as publicações seriadas e periódicas de HQs ainda não estão inseridas. Estes materiais podem ser em partes, ou divididos em volumes. Comumente não possuem um padrão editorial como os livros, folha de rosto, ficha catalográfica, capa, lombada, orelhas, o que confunde e dificulta o trabalho dos bibliotecários no processo de catalogação.

A partir das necessidades deste grupo de catalogadores, devido a essa “não padronização” do mercado editorial de histórias em quadrinhos, e também às necessidades específicas dos usuários na organização destes materiais nas estantes, foi desenvolvida uma metodologia de catalogação que a rede de bibliotecas vem utilizando para estes materiais. Esta metodologia, ou “**Manual de Catalogação de Histórias em Quadrinhos**” foi baseada em uma anteriormente utilizada pela Gibiteca Henfil. Esta Gibiteca, criada em 1991 como um projeto especial da Secretaria de Cultura, é atualmente o maior acervo de Histórias em Quadrinhos da América Latina, reunindo artistas, fãs e colecionadores de HQs.

O “Manual de Catalogação de Histórias em Quadrinhos” adota as mesmas ferramentas utilizadas em outras bibliotecas brasileiras, tais como o AACR2, Tabela Cutter-Sanborn Three Figure, Library of Congress Subject Headings (LCSH), formato MARC21, e a Classificação Decimal de Dewey (CDD 21.ed.), porém utilizam-se as tabelas complementares de classificação adaptadas pela DDCTI para os gêneros ficcionais de Histórias em Quadrinhos.

2 Histórias em Quadrinhos

Will Eisner (2001), em sua obra “Quadrinhos e Arte Sequencial”, mostra o rápido avanço das tecnologias gráficas promotoras de uma era dependente da comunicação visual e ressalta a importância das histórias em quadrinhos na sociedade atual. Para Waldomiro Vergueiro (2005), as HQs caracterizam-se, juntamente com o cinema, como meios de comunicação de massa importantes, de grande penetração, e destaca o grande volume de publicações em revistas e tiras de jornais diários.

No final da década de 80, as HQs já eram consideradas, em parte, produtos de arte e fenômenos editoriais, possibilitando a criação de acervos especializados, em locais apropriados para armazenamento e empréstimos, chamadas de “bibliotecas de Gibis”, ou “Gibitecas”. Estes locais buscavam também ser polos de discussão e leitura, tornando-se áreas efervescentes de encontros de aficionados e de atividades culturais.

As barreiras contra as histórias em quadrinhos estão sempre sendo discutidas. Há 20 anos Uliana & Vergueiro (1990) afirmaram que pesquisas na área de quadrinhos apontavam que ainda era presente certo preconceito dos pais e educadores em relação à leitura de quadrinhos, porém, era um grupo cada vez menor. Atualmente estes ‘tabus’ estão, cada vez mais, caindo, devido ao crescente uso dos quadrinhos na sala de aula e no aprendizado da leitura e da escrita. (RAMA & VERGUEIRO, 2010); (RAMOS & VERGUEIRO, 2009).

O termo gibiteca segundo Vergueiro (2003) é “[...] um neologismo que buscava nomear uma biblioteca especialmente dedicada à coleta, armazenamento e disseminação de

histórias em quadrinhos.”. Ressalta ainda que as histórias em quadrinhos presentes em bibliotecas públicas possuíam um tratamento específico que “[...] era costume dar-se o mínimo tratamento técnico possível, contentando-se a maioria dos profissionais em colocar as revistas em cestas ou espalhá-las por cima de mesas, para deleite dos pequenos leitores [...]”. O preconceito com estes materiais era extremamente visível e preocupante nas bibliotecas. Felizmente, a situação mudou radicalmente de vinte anos para cá. (VERGUEIRO, 2003).

Com o tempo, a pressão de leitores pela aquisição destes materiais foi cada vez maior pelo país, e muitos profissionais dedicaram espaços em bibliotecas exclusivos para as histórias em quadrinhos. *“Na maioria das vezes, tratou-se de iniciativas isoladas de profissionais que encaravam os quadrinhos de uma maneira diferente da de seus colegas.” (VERGUEIRO, 2003).*

O conceito de preservação não se limita somente ao escrito ou à arte. Preservar está atrelado ao que é um bem patrimonial para a sociedade ou àquilo que é reflexo da memória e da identidade de uma comunidade. Para Teixeira Coelho (2004) a preservação é um conjunto de medidas que visa resguardar em locais públicos a produção cultural e técnica.

Para Vergueiro (2003) e (1994) a importância da Gibiteca Henfil além da completude de seu acervo está no sentido dela ser *“[...] a primeira gibiteca brasileira a surgir dentro de um serviço de biblioteca pública, a partir de iniciativa da própria administração municipal [...]”*. A Gibiteca Henfil também *“[...] é responsável por um dos maiores índices de frequência [sic] das bibliotecas públicas da cidade de São Paulo, e também por se colocar como um grande centro de eventos [...]”*.

3 Gibiteca Henfil

A Gibiteca Municipal Henfil foi idealizada por uma equipe de profissionais e especialistas, com o objetivo de ser um local de encontro de pesquisadores, quadrinistas, estudantes, fanzineiros³ e leitores de HQs.

Antes havia um preconceito em relação aos gibis. Eram considerados por pais e professores como uma subliteratura, e prejudicial ao desenvolvimento da criança, pois ela ficava preguiçosa para ler livros. Mas pesquisas recentes de especialistas no assunto comprovam que, em vez de inibir o gosto pela leitura, eles estimulam essa prática e a criatividade, pois se dá por prazer e não por obrigação. (AZEVEDO, 1994 *apud* CASELLA, 1994).

Batman, Super-Homem, Pato Donald e a imensa legião de heróis dos quadrinhos vão ganhar em agosto [sic] sua sede oficial. São Paulo terá a primeira biblioteca de histórias em quadrinhos do país, na Vila Mariana. O projeto será executado pelo escritor Álvaro de Moya, professor da USP. Depois da implantação dessa biblioteca, as outras existentes na cidade também terão um setor para histórias em quadrinhos. A nova biblioteca só de gibis já ganhou um nome – gibiteca -, e como a onda dos gibis cresceu muito na cidade, não é difícil prever que ela vai ficar cheia de aficionados. (VEJA EM SÃO PAULO, 1990).

Nesta breve citação da Revista Veja em São Paulo podemos verificar a importância da composição de um acervo de histórias em quadrinhos, ainda em idealização, e que se tornaria uma referência para a cidade de São Paulo. De fato, foi, na época, um marco cultural para a cidade e para o Brasil. No ano de 1990, à frente da Prefeitura da Cidade de São Paulo estava a prefeita Luiza Erundina do Partido dos Trabalhadores (PT). As bibliotecas da cidade de São

³ Autores de histórias em quadrinhos que publicam artesanalmente suas obras.

Paulo eram atreladas à Secretaria Municipal de Cultura (SMC) na gestão da secretária de cultura Marilena Chauí que na época contratou diversos especialistas para a aquisição de 5 milhões de dólares em livros, pois as bibliotecas municipais estavam muito defasadas em número e atualização dos acervos. (CHAUÍ, 2006). As bibliotecas se dividiam em dois grandes departamentos, os de Bibliotecas Públicas (BP) e Bibliotecas Infanto-Juvenis (BIJ). A Biblioteca Infantojuvenil Viriato Correa (BIJ – Viriato Correa), pelas suas características de público, abrigava um acervo considerável de histórias em quadrinhos. O público era, predominantemente, de jovens e crianças interessadas em literatura infanto-juvenil. Com base neste acervo e nas atividades voltadas ao incentivo à leitura, foi-se constituindo um espaço que abrigasse os materiais de histórias em quadrinhos. Porém, com o passar do tempo, o acervo de HQs foi crescendo cada vez mais, ocupando praticamente todo o piso térreo da BIJ Viriato Correa.

3.1 Constituição da comissão de implantação da Gibiteca

Seguindo a proposta de aquisição de livros da secretária Marilena Chauí, em junho de 1990 o Professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) Álvaro de Moya encaminhou um projeto à SMC intitulado “Gibizada na Biblioteca Viriato Correa”. Deste modo, o Professor Álvaro de Moya foi contratado para exercer uma assessoria na composição e execução deste projeto, bem como um treinamento com os profissionais prevendo assim a formação de uma comissão de implantação da Gibiteca.

Esta comissão foi oficializada através da Portaria n.1.074/90 em 25 de outubro de 1990⁴. Foi composta por seis funcionários da SMC, são eles: Maria Luiza Barros Gomes de Matos (Chefe da BIJ Viriato Correa), Silvana Mattiazzo Casella (Bibliotecária BIJ Planejamento), Irma Cleide Grillo (Bibliotecária da BIJ Viriato Correa), Guaraciaba Aparecida de Almeida Rodrigues (Bibliotecária BP Planejamento), Laurivaldo Klink Júnior (Bibliotecário do Centro Cultural São Paulo), Og Gil Gregório da Silva (Assistente Técnico da BIJ Viriato Correa), Odete Piccolo (Bibliotecária da BIJ Viriato Correa), Dario Chaves (Oficial de Administração Geral). Havia também dois especialistas na área de histórias em quadrinhos, e ambos professores da ECA/USP, o professor e jornalista Álvaro de Moya (autor do projeto “Gibizada”) e Waldomiro de Castro Santos Vergueiro.



Figura 1: Logotipo da Gibiteca Henfil

Fonte: Arquivo Gibiteca Henfil, Ilustração de Carlito Maia, 1990.

⁴ Publicado no Diário Oficial do Município (DOM) em 25/10/1990, p. 10

Esta comissão tinha as seguintes atribuições: planejar e executar a implantação da Gibiteca; proceder a estudos de adequação de espaço e de viabilização de infraestrutura; elaborar a programação de eventos e atividades; estabelecer a administração e funcionamento da Gibiteca; e por último a avaliação do desenvolvimento dos trabalhos.

3.2 Objetivos e inauguração da Gibiteca

Em princípio, o principal objetivo da gibiteca foi o de divulgar o HQ, colocando a disposição do público o que de melhor existe a respeito do gênero. Ao longo dos anos, no entanto, linguagens como desenho animado, RPG e ficção científica foram incorporando-se à gibiteca. Aos poucos ela se transformou num verdadeiro ponto de encontro, onde as pessoas reúnem-se para trocar informações e experiências. (JORNAL DA VILA MARIANA, 1996).

No projeto original do professor Moya, o termo utilizado por ele era o de “irradiação” das HQs no país. Em suma, na proposta, a ideia era divulgar e “contagiar” a criatividade para as outras bibliotecas.

A Gibiteca tinha por propósito servir à pesquisa, à formação, preservação e atualização do acervo, à coleta de documentação para formação de base de dados, e servir como disseminador da informação sobre quadrinhos, bem como desenvolver um acervo especializado para pesquisadores. Para o bom desenvolvimento e organização do acervo, obrigatoriamente deveria coletar, selecionar, processar tecnicamente e armazenar de modo adequado, atendendo às normas nacionais e internacionais, todo este acervo.

O foco fundamental era o da promoção da leitura e a preservação do quadrinho nacional. Para isso era necessário realizar sistematicamente, uma programação de atividades e eventos na área de HQ e afins, tais como Animação Japonesa, Ficção Científica, *Role Playing Game* (RPG), constituindo um centro de convivência e de referência para fãs e profissionais. Um dos objetivos da Gibiteca era o de disponibilizar o acervo ao público em geral e aos especialistas e fãs de HQ no Brasil e no exterior. Dar à população, acesso aos quadrinhos incluindo os caros e sofisticados.

O nome “Gibiteca Municipal Henfil” é uma homenagem ao cartunista, jornalista e escritor Henrique de Souza Filho popularmente conhecido como Henfil. “[...] Foi Marilena [Chauí] também quem escolheu o nome da Gibiteca Henfil – em homenagem ao famoso cartunista” (GARCIA, 1996).

Após a determinação dos objetivos, e principalmente as decisões que definiram a dinâmica de trabalho e apontaram a sua viabilidade técnica pela Comissão de Implantação, a Gibiteca foi inaugurada no dia 03 de maio de 1991. Com uma semana de festividades e eventos importantes, contou com nomes como: Héctor Gómez Alisio, Guilherme de Almeida Prado, Marcatti, Angeli, Glauco Mattoso, Ely Barbosa, Maurício de Sousa, Jal, Franco de Rosa, Rodolpho Zalla e outros.

Na época de sua criação, a Gibiteca Henfil era a 5ª biblioteca deste gênero no Brasil e a primeira em São Paulo com sistema de consulta e empréstimo. Havia uma necessidade muito grande em São Paulo de um espaço público que reunisse as histórias em quadrinhos. O que se tinha até então em nossa cidade eram alguns acervos particulares de HQs. A Gibiteca foi inaugurada com apenas três mil exemplares e o sucesso foi tão grande que, oito anos depois, em 1998, possuía mais de 75 mil exemplares entre revistas de HQ, livros de pesquisa, álbuns e fanzines, a maior parte doada por colecionadores e amigos da Gibiteca.

4 Catalogação de Histórias em Quadrinhos

As histórias em Quadrinhos, de modo geral, podem se apresentar em cinco formatos a serem identificados pelo bibliotecário catalogador, são elas: **álbuns** (objeto de pesquisa desta metodologia), **revistas de linha**, **revistas encadernadas**, **minisséries**, **fanzines**.

As **revistas de linha**, ou gibis, termo popular no Brasil, são as tradicionais revistas que se encontram em bancas de jornal. São publicações seriadas, porém nem sempre possuem ISSN, comumente são de um personagem fixo de um licenciador ou não (Mônica, Tio Patinhas, Tex, Wolverine, Batman, Homem-Aranha) ou de um grupo de personagens separados pelos seus licenciadores, por exemplo, Marvel (X-Men, Wolverine, Capitão América Vingadores e etc.), a DC (Batman, Superman, Lanterna Verde).

As **minisséries** são semelhantes às revistas de linha, geralmente, cada exemplar possui até cinquenta páginas, porém são publicações em fascículos com uma história fechada, portanto, o final da história está na última revista. Armazena-se, na Gibiteca, geralmente em sacos plásticos com a finalidade de evitar a separação das obras.

Os **fanzines**, ou popularmente chamado de zines, são revistas editadas pelos próprios autores, confeccionadas de modo artesanal. Atualmente alguns fanzines são tão bem elaborados, com projetos gráficos e papéis de boa qualidade que chega a confundir no processo de identificação pelo bibliotecário responsável. É um dos veículos mais acessíveis de expressão da arte de se fazer Histórias em Quadrinhos onde vários cartunistas importantes iniciaram suas carreiras, tais como: Laerte, Angeli, Glauco, Paulo Caruso dentre outros.

As **revistas encadernadas** ou TPB's (Trade Paperback) são publicações que foram agrupadas em uma história fechada, não são em formato luxo, e caracterizam-se por ser uma publicação única, geralmente foram publicadas originalmente como minisséries, ou revistas seriadas, que por necessidades editoriais e de consumo foram agrupadas. São mais frágeis e impressas em papel jornal, porém boa parte delas contém ISBN, o que as confunde com os álbuns de HQ. Para esses materiais também se aplica a metodologia de catalogação proposta, porém deve-se ter um maior cuidado no seu armazenamento e manuseio devido à não durabilidade que este formato tem.

Os **álbuns** são materiais que possuem um acabamento editorial e gráfico melhor, não são impressos em papel jornal como os outros formatos. Em geral são publicações de um único autor ou coletâneas de vários autores, normalmente são inéditas. A característica do formato Europeu de histórias em quadrinhos (Banda Desenhada em Portugal), em sua maioria, é caracterizada por ser mais autoral, e possuir obras com um bom acabamento editorial, por exemplo, Tintim e Asterix. É considerado álbum também a compilação de tiras de determinado autor que foram publicadas anteriormente em jornais ou revistas. Segundo Santos (2009) no início da década de 60, mais precisamente na Europa, as editoras começaram a publicar e difundir por livrarias os álbuns de quadrinhos e eram obras confeccionadas com capa dura, lombada e papel de qualidade, ao contrário dos *comics* americanos, poderiam ser armazenadas em estantes. Semelhante a esses formatos de HQs europeus é que as *graphic novels*, termo cunhado por Will Eisner na década de 70, começou a ser mais difundido nos EUA. As *graphic novels*, ou romance gráfico até hoje levanta discussões acerca de seu formato e conteúdo, porém não serão discutidas estas questões neste artigo.

O mercado editorial de HQs, do ponto de vista comercial, sempre foi instável, muitas editoras surgiram com intuito de aproveitar este mercado lucrativo. Muitas publicações de HQs não seguem padrões editoriais. A imagem é amplamente explorada ao longo da obra, desde a capa, contracapa e orelhas, muitas vezes suprimindo elementos editoriais usuais, gerando confusão no processo de catalogação. A partir das necessidades, e principalmente das

dificuldades encontradas pelos bibliotecários catalogadores em registrar estes formatos, é que foi desenvolvida essa metodologia de catalogação para histórias em quadrinhos, com intuito de padronizar e normalizar principalmente a classificação e a indexação dos materiais.

Esta metodologia se divide em três partes, são elas: **autoridade, classificação e catalogação.**

4.1 Autoridade

Em autoridade utiliza-se como fonte de pesquisa, de preferência nesta ordem, a Biblioteca Nacional (BN), a Library of Congress (LC), British Library (Inglaterra), Bibliothèque de France, Porbase (Portugal). Caso não localizar em nenhuma destas fontes, ou carecer de complementos, deve-se utilizar os sites especializados em HQs na Internet, tais como o Guia dos Quadrinhos⁵, o site de notícias Omelete⁶ e a Coleção Lambiek⁷ (Amsterdã - Europa) que se constituem em fontes de pesquisas de autores, tanto para estrangeiros como nacionais.

Veja exemplo abaixo:

100|0# \$a-Caeto \$d-1979-

400|1# \$a-Melo dos Santos, Caetano

400|1# \$a-Santos, Caetano Melo dos

670|## \$a-Bras. (SP); Cart., des., pintor, comp. e vocal. da banda de rock Samba Concorrência, editou os fanzines Soc. Radioativa e Glamour popular. LC OL (+) 2011 (data) BN OL (+) 2011 (data, profis.)

www.companhiadasletras.com.br (+) 2011 (profis.) Memória de elefante (+)

4.2 Classificação e indexação

No âmbito da biblioteconomia o que se percebe é uma quase ausência à histórias em quadrinhos na literatura técnica especializada. [...] Mesmo que a biblioteconomia tenha a intenção de estudar todo o universo informacional, aparentemente há uma restrição significativa do objeto que será estudado [...] convencionou-se empregar apenas uma classificação e somente um indexador para toda e qualquer HQ, em detrimento de termos, classificação e indexador de significados similares, diferentes ou complementares. (BATISTA, 2010)

A indexação de histórias em quadrinhos é geralmente determinada pela sua **forma** (suporte informacional) e não pelo seu conteúdo propriamente dito. A CDD até reconhece as diferenciações existentes (*graphic novels* e etc.), porém agrupa todas as histórias em quadrinhos em uma mesma notação: 741.5. Para Batista (2010) as histórias em quadrinhos carecem de modelos de linguagem documentária.

A classificação de histórias em quadrinhos, que foi adotada com este manual, é o que se chama de “**Classificação não convencional**”, ou seja, uma classificação criada e adaptada pela instituição com intuito de facilitar a organização e o acesso ao acervo. Geralmente estas classificações são criadas para cobrir uma demanda específica que as classificações convencionais, tais como CDD e CDU, não atendem. Para tanto foi fundamental a criação desta classificação própria, baseada em uma anteriormente elaborada pela Gibiteca Henfil e que vem sendo utilizada pela rede de bibliotecas do SMB. Seguindo este manual, na seção de classificação e indexação, as histórias em quadrinhos podem ser divididas em cinco partes: **ficção, não-ficção, obras teóricas, cartuns e coletâneas.** Veja as seguintes tabelas:

⁵<http://www.guiadosquadrinhos.com>

⁶<http://www.omelete.com.br>

⁷<http://lambiek.net>

Histórias em Quadrinhos – Gêneros Ficcionais	
Classif.	Entrada do assunto principal + Vocabulário Controlado (se necessário)
QA	Aventuras - Histórias em quadrinhos
QE	Histórias em quadrinhos eróticas - [Inclui-se o <i>Hentai</i> (Mangá erótico) e adaptações da literatura erótica em quadrinhos]
QH	Humor - Histórias em quadrinhos
QI	Histórias em quadrinhos para crianças
QL	Para <i>Graphic Novels</i> usar “ Romance em quadrinhos ” / Para obras adaptadas para HQs usar “ Adaptação para história em quadrinhos ”
QT	Terror – Histórias em Quadrinhos
QU	<i>Underground</i> - Histórias em quadrinhos
QM	Mangás (Inclui Biografia, Autobiografia, <i>Angura</i> (Mangá <i>underground</i>) e Não ficções). De acordo com o traço e o autor

Tabela 1 – Gêneros Ficcionais de Histórias em Quadrinhos
Fonte: Manual de Catalogação de Histórias em Quadrinhos, SMB, 2012.

Vocabulário Controlado de Gêneros Ficcionais da CSMB-114		
ATENÇÃO: Como são gêneros, sempre será FORMA e não TÓPICO!		
Lista alfabética	Lista estruturada	Histórias de aventuras
Ficção científica	Os assuntos com <u>sublinhado</u> indicam termos gerais de uma hierarquia que não serão usados. Os assuntos em negrito são termos gerais que estarão no Catálogo Eletrônico, mas que deverão ser usados nos casos em que o assunto não está em sua forma específica.	UP Histórias de capa e espada UP Histórias de cavalaria Histórias de crimes e mistério Histórias de gângsteres UP Histórias de mafiosos UP Histórias da Máfia Histórias judiciais Histórias policiais Histórias de faroeste Histórias de guerra UP Histórias de regimento Histórias de mar Histórias de super-heróis Histórias de suspense Histórias de viagem
Ficção histórica	Comédias Histórias de humor negro Histórias humorísticas Histórias satíricas Histórias alegóricas Histórias antiutópicas Histórias utópicas Histórias de auto-ajuda	Histórias de sociedade Histórias de costumes Histórias de família UP Sagas familiares Histórias médicas
Ficção ideológica	Histórias religiosas Hagiografias UP Histórias de santos UP Biografia dos santos	Histórias extraordinárias Ficção científica Histórias fantásticas Histórias de assombração UP Histórias de fantasma Histórias de terror UP Histórias de medo Histórias góticas
Hagiografias	Histórias cristãs Histórias bíblicas UP Histórias da Bíblia Histórias espíritas UP Romance espírita Histórias africanas (Religião) Histórias judaicas Histórias budistas Histórias hinduístas Histórias islâmicas	Histórias regionais Histórias caipiras Histórias gauchescas Histórias nordestinas Histórias de roteiros cinematográficos UP Romances de filme Histórias de roteiros radiofônicos UP Romances de rádio Histórias de roteiros televisivos UP Romances de televisão UP Histórias de seriados de televisão Histórias rimadas
Histórias africanas (Religião)	Ficção ideológica UP Ficção engajada UP Ficção política UP Romance político UP Literatura comprometida UP Romance de tese	
Histórias afro-brasileiras	Ficção histórica UP Romance histórico	
Histórias alegóricas	Folclore Histórias afro-brasileiras Histórias indígenas	
Histórias antiutópicas	Histórias de amor UP Histórias românticas Histórias eróticas	
Histórias bíblicas		
Histórias budistas		
Histórias caipiras		
Histórias cristãs		
Histórias de amor		
Histórias de assombração		
Histórias de auto-ajuda		
Histórias de aventuras		
Histórias de costumes		
Histórias de crimes e mistério		
Histórias de família		
Histórias de faroeste		
Histórias de gângsteres		
Histórias de guerra		
Histórias de humor negro		
Histórias de mar		
Histórias de roteiros cinematográficos		
Histórias de roteiros radiofônicos		
Histórias de roteiros televisivos		
Histórias de super-heróis		
Histórias de suspense		
Histórias de terror		
Histórias de viagem		
Histórias eróticas		
Histórias espíritas		
Histórias fantásticas		
Histórias gauchescas		
Histórias góticas		
Histórias hinduístas		
Histórias humorísticas		
Histórias indígenas		
Histórias islâmicas		
Histórias judaicas		
Histórias judiciais		
Histórias médicas		
Histórias nordestinas		
Histórias policiais		
Histórias regionais		
Histórias rimadas		
Histórias satíricas		
Histórias utópicas		

Tabela 2 – Vocabulário Controlado de Gêneros Ficcionais
Fonte: Manual de Catalogação de Histórias em Quadrinhos, SMB, 2012.

Os gêneros ficcionais se dividem em sete classificações, são elas: QA – Quadrinhos de Aventuras, QE – Quadrinhos Eróticos, QH – Quadrinhos de Humor, QI – Quadrinhos Infantis, QL – Quadrinhos Literatura (Inclui as *graphic novels* e as adaptações da literatura para Histórias em Quadrinhos), QT – Quadrinhos de Terror, QU – Quadrinhos *Underground*. Para as histórias em quadrinhos no formato de *mangás*⁸ utilizamos a classificação “QM – Quadrinhos Mangá” (inclui nesta classificação tanto obras ficcionais como não ficcionais, tais como biografias e autobiografias e *anguras*⁹.) Os *mangás* eróticos conhecidos como *hentai* são classificados como QE. Para a combinação dos descritores no processo de indexação, foi feito um vocabulário controlado conforme a tabela a seguir:

O “**Vocabulário Controlado de Gêneros Ficcionais**” foi criado para auxiliar os catalogadores na indexação destes gêneros em literatura, e recentemente foi incorporado para o uso nas HQs ficcionais, sendo assim as combinações de assuntos destes gêneros corresponderão sempre no MARC como **forma** (\$v/TAG655).

Para as histórias em quadrinhos **não ficcionais** a classificação será de acordo com a CDD, sendo o número de classificação da obra antecedido pela letra “**Q**” (Quadrinhos). Por exemplo, história do Brasil em quadrinhos (Q981), ecologia em quadrinhos (Q577), autobiografia em quadrinhos (Q92). As obras destinadas para público infantil receberão a letra “**i**” entre a letra Q e a notação da CDD (Qi000 à Qi999). As biografias em HQs são classificadas de acordo com o assunto do biografado e sempre recebem a letra “**Q**”, e quando necessário a letra i. Por exemplo: biografia do guerrilheiro Che Guevara (Q322.42098).

Para a indexação é utilizada a LCSH, BN e a “Tabela auxiliares de Assuntos” do catálogo eletrônico da SMB. A subdivisão de forma “**Histórias em quadrinhos**” sempre acompanha o assunto principal. Nos exemplos abaixo, a HQ “Palestina: na faixa de Gaza” que trata sobre a história da palestina e em seguida a biografia de Che Guevara, os cabeçalhos de assuntos ficarão da seguinte maneira:

651|14 \$a-Palestina \$x-História \$v-Histórias em quadrinhos

600|14 \$a Guevara, Ernesto, 1928-1967 \$v Histórias em quadrinhos

650|24 \$a Guerrilheiros \$z América Latina \$v Biografia \$v Histórias em quadrinhos

As **obras teóricas** de histórias em quadrinhos que tratam de técnicas de desenhos, história e crítica, recebem a notação correspondente à CDD, porém não poderá receber a letra “**Q**”, somente obras em formato de HQ recebem esta letra.

Charges, cartuns e caricaturas brasileiras de políticos e afins recebem a classificação 741.5 antecedido pela letra “**Q**” e são aplicáveis para outras nacionalidades conforme a tabela geográfica auxiliar do CDD.

As **coletâneas** de HQ com diversos autores, ou que sejam catálogos de exposições de quadrinhos, recebem a classificação 741.5, porém por serem em formato de HQ recebem a letra “**Q**”. Caso esta coletânea tenha uma predominância de assunto, deverá ser classificada em uma das oito classificações ficcionais (QA, QU, QH e etc.).

⁸ *Mangás* são as Histórias em Quadrinhos feitas no estilo japonês, possuem características únicas que diferem das publicações ocidentais, são lidas de modo inverso, geralmente são em preto e branco e seus personagens são mundialmente conhecidos pelos olhos grandes.

⁹ Tipo de *Mangá underground* destinado para adultos, mas não são eróticos.

Tabela de Classificação e indexação de HQs	
Teoria de HQs	
741.5	Técnicas de desenhos e história e crítica de quadrinhos
Charges, Cartuns, Caricaturas	
Q741.5981	Charges, Cartuns, Caricaturas de conotação política ou não e afins [Sendo 981 – Brasil] (aplicável em outras nacionalidades conforme tabela geográfica auxiliar).
Coletâneas	
Q741.5	Coletâneas que contenham diversos autores, assuntos diferentes, explicações sobre as obras, catálogos de mostras, e ou eventos que envolvem HQs e afins.

Tabela 3 – Tabela de Classificação e indexação de HQs.

Fonte: Manual de Catalogação de Histórias em Quadrinhos, SMB, 2012.

4.3 Catalogação

Em uma das obras de maior utilização pelas bibliotecas públicas brasileiras no auxílio ao processo de catalogação – Catalogação de recursos bibliográficos: AACR2 em MARC 21 – não há sequer menção direta às histórias em quadrinhos. (BATISTA, 2010).

A catalogação dos álbuns de HQ, objeto desta metodologia, tem por referência o capítulo 2 do AACR2, que abrange livros, folhetos e folhas soltas impressas. Para Batista (2010) há poucos centros de documentação que fazem de modo correto a catalogação de HQs, na prática há muito mais improvisação do que uma catalogação padronizada, e os instrumentos para auxiliar o processamento técnico, nem sempre levam em conta as particularidades deste tipo de obra.

Esta metodologia proposta, no âmbito da catalogação, segue o AACR2, porém muitas obras de HQ não são padronizadas, não possuem folha de rosto, orelhas ou mesmo lombadas. Por questões de espaço e coerência deste artigo, não será discutida aqui todas as particularidades envolvidas nas etapas do processo de catalogação de HQs, mas sim a ideia é fornecer um apanhado geral de como este manual orienta os profissionais catalogadores do SMB. Para tanto serão apontados neste tópico de **catalogação** alguns itens deste manual.

4.3.1 – Entradas TAG 100 / 700

Algumas bibliotecas adotam a entrada principal das HQs pelo ilustrador, por julgarem mais importante neste tipo de material, porém no manual foi convencionado que a entrada principal é pelo autor, roteirista ou adaptador do texto conforme o AACR2. Muitas HQs possuem diversos autores, nestes casos deve-se adotar conforme a ordem de autores na folha de rosto ou na capa, mencionando no máximo até três autores. Geralmente em HQs há um roteirista e um ilustrador, a entrada principal é pelo roteirista e a secundária para o ilustrador. Dados como tradutor, editor, cores, letras não deverão estar nestas TAGs (100/700) a não ser que não se tenha nenhum outro para identificar autoria da obra.

No caso de adaptações de ficção classificadas em “QL”, a entrada principal deverá ser pelo adaptador do texto, se não houver adaptador a entrada será pelo autor que quadrinizou a obra. Caso o texto seja integral da obra original e apenas tiver acrescentado as ilustrações, a entrada principal será do autor da obra e não do quadrinista.

Em **coletâneas** de HQs, com vários autores e com um título coletivo a entrada principal deverá ser pelo título e as secundárias para o autor da primeira história. Abaixo um

exemplo em MARC de coletânea:

20|## \$a-8575321986
40|## \$a-brspcgh
82|## \$a-QA¹⁰
245|10 \$a-Bang bang \$c-Kako...[et.al.] ; prefácio Primaggio Mantovi ; tradução Marquito Maia
260|## \$c-2005 \$a-São Paulo (SP) \$b-Devir
300|## \$c-24 cm \$b-principalmente il. p&b \$a-183 p.
340|## \$e-Papel
505|2# \$a-Prefácio Primaggio Mantovi. Contem dados biográficos dos autores. Volume reúne 10 histórias, cada qual com seu próprio roteirista, ilustrador. Sobre Daisy / Rafael Coutinho - Ninguém olhará por nós / Fábio Moon - Mercado de peixe de família Lao / Rafael Grampá
650|14 \$a-Aventuras \$v-Histórias em quadrinhos
655|24 \$a-Histórias de faroeste
700|0# \$a-Kako \$e-Autor

4.3.2 – Responsabilidade TAG 245 \$c

No campo de responsabilidade TAG 245 \$c devem-se seguir sempre as regras do AACR2 e também conforme a folha de rosto, indicando até três nomes de cada função, separando sempre as funções por ponto e vírgula, ou indicando apenas um nome. No caso de mais de três nomes ou coletâneas indicar somente o autor da primeira história seguido de “[et al.]”. Neste campo não se poderá indicar editor, cores, letras (vão para TAG 508 \$a - créditos), estes dados somente serão indicados em responsabilidade caso não haja nenhum outro para identificar a obra.

4.3.2 – Notas TAG 500

O campo de notas também segue o AACR2 e podem ser preenchidos em suas TAGs e subcampos conforme o MARC 21. Porém o manual do SMB aponta alguns detalhes que podem existir para as HQs.

Em **notas gerais** TAG 500 deve-se colocar neste campo dados da obra como um todo e o que mais se julgar necessário. As HQs, diferentemente dos livros, tiveram sua origem em publicações seriadas, gerando algumas peculiaridades, assim é importante enfatizar algumas informações que direcionem a leitura do usuário. Exemplo: “Edição comemorativa”; “Histórias em quadrinhos sem texto”; “Livro com atividades e jogos”; “Personagem principal originalmente publicado na revista do Batman, n.25”; “Continuação de outra obra (Caso não esteja separada por volume, muito comum em quadrinhos)”; “Ver também: Tintim e o segredo do Licorne”.

Outra nota utilizada, quando necessário, é o da TAG 505 **nota de conteúdo** que envolve as HQs existentes na obra, geralmente utilizada para as coletâneas ou obras que contenham mais de uma história. Por exemplo, “Volume reúne 10 histórias, cada qual com seu próprio roteirista, ilustrador...” (se for o caso: e paginação). Mencionar quantas histórias o catalogador julgar necessário na seguinte ordem: Título / Autor, roteirista; ilustrador - Título / Autor, roteirista; ilustrador e assim por diante.

As demais notas, como as bibliográficas TAG 504, podem ser preenchidas de acordo com os dados encontrados na obra.

¹⁰ Convencionou utilizar a TAG 82 para esta classificação e não criar TAG local (90).

5 Considerações Parciais/Finais

Muitos profissionais bibliotecários que não possuem contato com as histórias em quadrinhos, desconhecem suas particularidades, seus personagens, e seus desmembramentos característicos das HQs. Para os consulentes e leitores deste tipo de material é importante recuperar e agrupar o acervo pelos seus gêneros favoritos, por isso a classificação das HQs ficcionais torna-se imperativo.

O manual se tornou uma metodologia de catalogação necessária para essa rede de bibliotecas e tem facilitado o processo de catalogação das histórias em quadrinhos. Portanto o manual tem como um dos seus propósitos o de auxiliar os profissionais, buscando dirimir dúvidas, padronizar a catalogação, e disponibilizar nas estantes de forma dialógica este tipo de material para os consulentes. O manual está em constante modificação e atualização devido à variedade deste mercado editorial, similar às ferramentas biblioteconômicas, que também se atualizam e se adaptam às modificações acompanhando o seu tempo.

6 Referências

ABUD, Hugo L. [et.al] **Manual de catalogação de histórias em quadrinhos**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 2012.

AZEVEDO, Cleide. Gibiteca Henfil e eventos. **Metro News**, São Paulo, ano XX, n.265, 29 ago. 1994, p.20.

BATISTA, Yuri Guimarães Barquette. **Histórias em quadrinhos na biblioteca pública: uma mudança de paradigmas**. Dissertação (Mestrado) – Faculdades Integradas de Jacarepaguá, Núcleo de pós-graduação, Biblioteconomia. Brasília, 2010.

CHAUÍ, Marilena. **Projeto Memória Oral**. São Paulo: Biblioteca Mário de Andrade, 19 jul. 2006. Disponível em:
<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/transcricao_marilena_chau_i_1297189488.pdf>
> Acesso em: 20 julho 2012.

EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GARCIA, Roberto. Gibiteca na Sena Madureira. **Jornal do Cambuci & Aclimação**, São Paulo, ano 14, n.468, 19 maio 1996, p.1.

JORNAL DA VILA MARIANA, Caderno de Eventos, 4 a 17 maio 1996.

MILANESI, Luís. **Ordenar para Desordenar**: centros de cultura e bibliotecas públicas. São Paulo: Brasiliense, 1989.

RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro. (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2010.

SANTOS, Roberto Elísio dos Santos. A produção editorial de histórias em quadrinhos no século XXI: a crise do meio impresso e os limites da mídia digital. **Anais... XXXII Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação - Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. Curitiba, 4 a 7 de setembro de 2009.

ULIANA, Dina Elisabete; VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. Gibitecas – estrutura, organização e acervo. **Informação Cultural**, n. 10, p.2-10, 1990.

VEJA EM SÃO PAULO. **Um lugar para os Gibis**. Revista Semanal Veja São Paulo, n.30,

ano 23, 29 jul. a 04 ago.1990, p.4.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Desenvolvimento de coleções**. São Paulo: Polis: APB, 1989.

_____. Histórias em quadrinhos e serviços de informação: um relacionamento em fase de definição. **DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação**, São Paulo, v.6, n.2, p.04-15, abr 2005. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/abr05/Art_04.htm> Acesso em: 20 maio 2011.

_____. AS GIBITECAS: um espaço privilegiado para a leitura e difusão de histórias em quadrinhos no Brasil. **InfoHome**, ano 2, mar. 2003. Disponível em: <http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=138>. Acesso em 13 maio 2011.

TEIXEIRA COELHO, J. R. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 2004.